ESPAD 2019

ENQUADRAMENTO E MÉTODO

O *European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs* (ESPAD) é um projeto europeu apoiado pelo Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT) que se realiza a cada 4 anos, em que Portugal participa desde a primeira edição, em 1995. Centrado unicamente em adolescentes de 16 anos, o estudo distingue-se por usar uma metodologia comum e aplicar o mesmo questionário nos diversos países participantes, por forma a garantir a comparabilidade dos resultados. Em 2019, foram inquiridos **99.647** alunos de **16 anos** de **35 países** europeus diferentes.

Em Portugal, como na maior parte dos outros países que participam no estudo, foram construídas amostras probabilísticas representativas dos alunos do ensino público que completaram 16 anos em 2019, tendo a turma como unidade amostral. Na presente edição, e pela primeira vez, o estudo foi alargado também às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Deste modo, o ESPAD permite acompanhar as tendências europeias e nacionais no que diz respeito à evolução dos comportamentos aditivos entre jovens de 16 anos, bem como analisar a situação de cada país face à média dos países participantes (daqui para frente designada como «média europeia»).

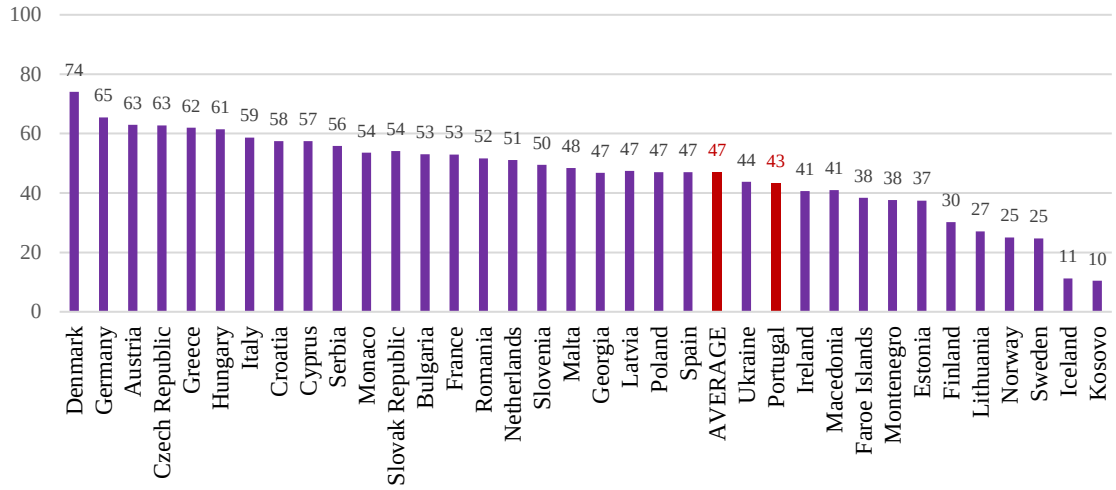
RESULTADOS (2019)

A principal conclusão da presente edição é que, em 2019, Portugal se destaca pela positiva na maior parte dos indicadores considerados, estando abaixo das médias europeias, ainda que pontualmente isso não se verifique, nomeadamente no que diz respeito a alguns aspetos relativos ao consumo de bebidas alcoólicas.

Em relação ao **álcool**, Portugal está abaixo da média europeia no que respeita aos principais indicadores, sendo a diferença mais acentuada no caso do consumo *binge* nos últimos 30 dias, indicador em que Portugal apresenta o 6º valor mais baixo, com uma diferença considerável para a média europeia. Por outro lado, no que respeita à quantidade de álcool ingerido na última ocasião de consumo, Portugal regista dos valores mais altos. Vale a pena destacar também que Portugal é, a seguir a Espanha, o país com a maior percentagem (cerca de 60%) de consumidores que, na última ocasião de consumo, preferiram bebidas destiladas, por oposição a cerveja, vinho, cidra ou *alcopops*.

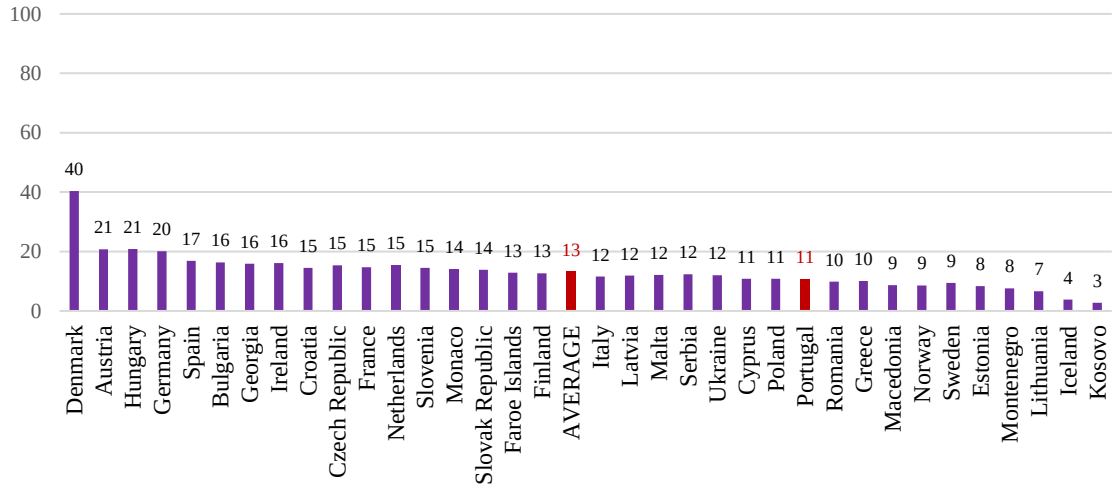
ESPAD/2019

ÁLCOOL: prevalência de consumo nos **últimos 30 dias** (%)



ESPAD/2019

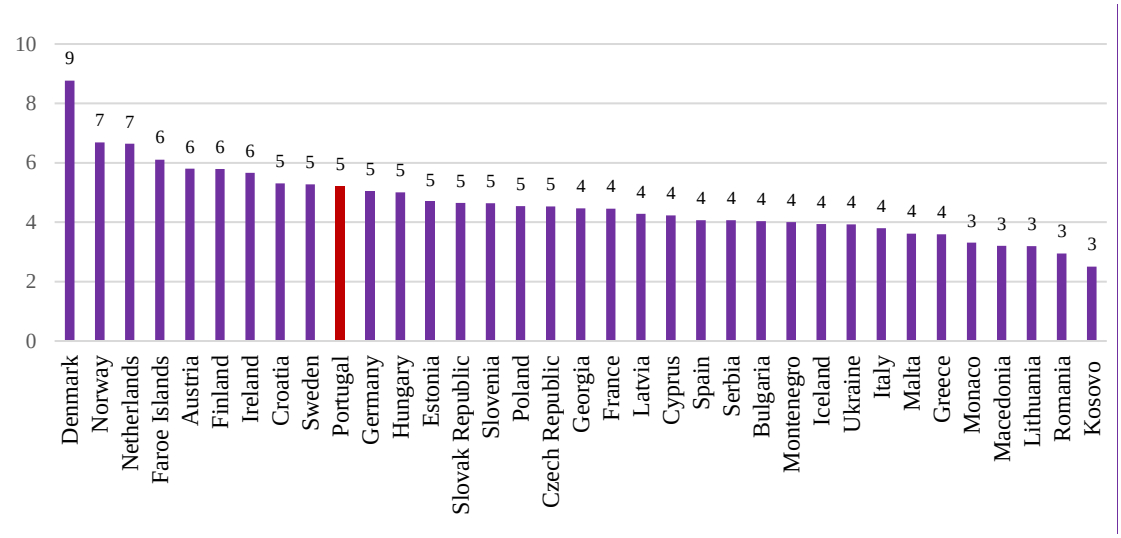
ÁLCOOL: prevalência de embriaguez nos **últimos 30 dias** (%)



ESPAD/2019

ÁLCOOL: quantidade ingerida na **última ocasião** de consumo (centilitros de etanol) (%)

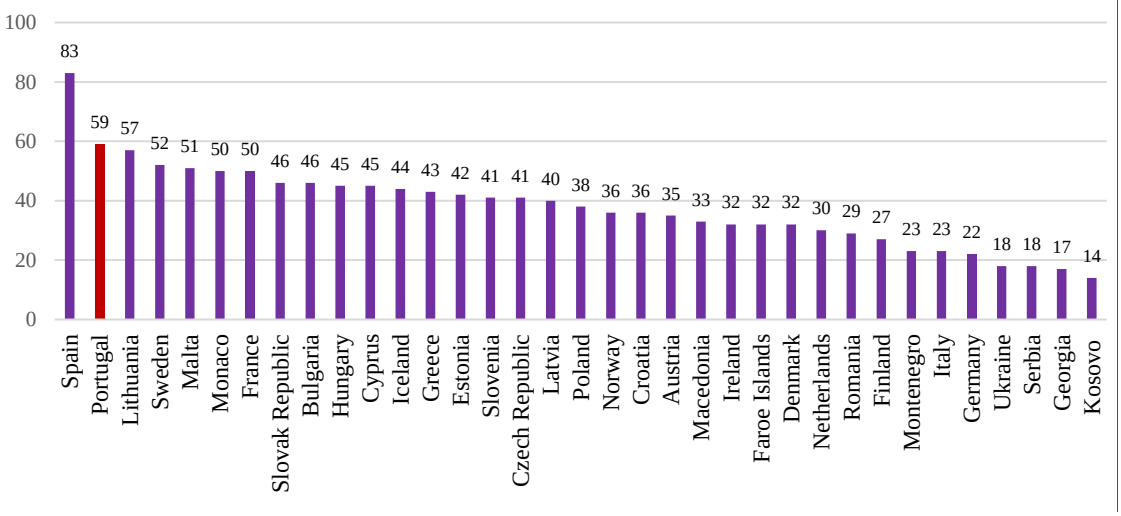
(**entre consumidores**)



ESPAD/2019

ÁLCOOL: Preferência por bebidas destiladas na **última ocasião** de consumo (%)

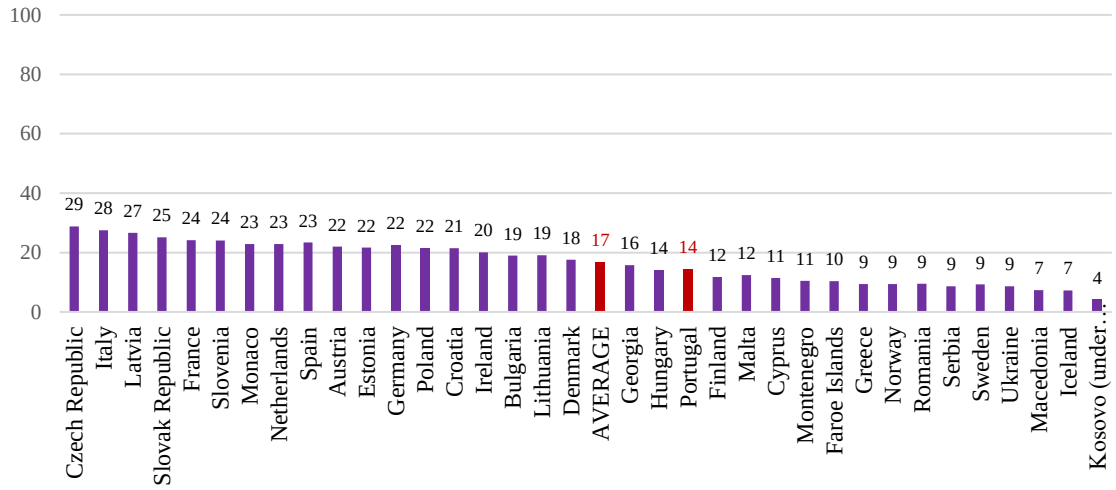
(**entre consumidores**)



Relativamente às **drogas ilícitas**, Portugal tem prevalências de consumo abaixo da média europeia, sendo que o mesmo se verifica em relação à ***cannabis***, a principal substância ilícita consumida em todos os países participantes. No entanto, limitando a análise aos consumidores de *cannabis*, Portugal é dos países com maior número de ocasiões de consumo no último ano e o país com a 5ª maior percentagem de consumidores recentes (ex aequo com a Macedónia) que apresentam um padrão de consumo considerado de alto risco (24%). Isto é, apesar de em Portugal a percentagem de jovens de 16 anos que consomem *cannabis* ser inferior à média europeia, aqueles que o fazem tendem a consumir de uma forma mais problemática do que se verifica na maior parte dos outros países.

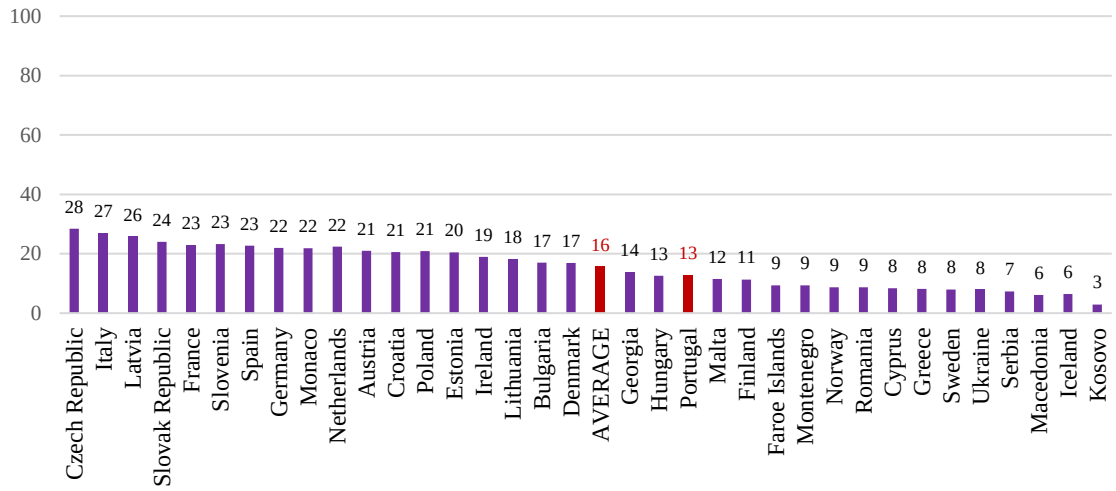
ESPAD/2019

DROGAS ILÍCITAS: prevalência de consumo ao **longo da vida** (%)



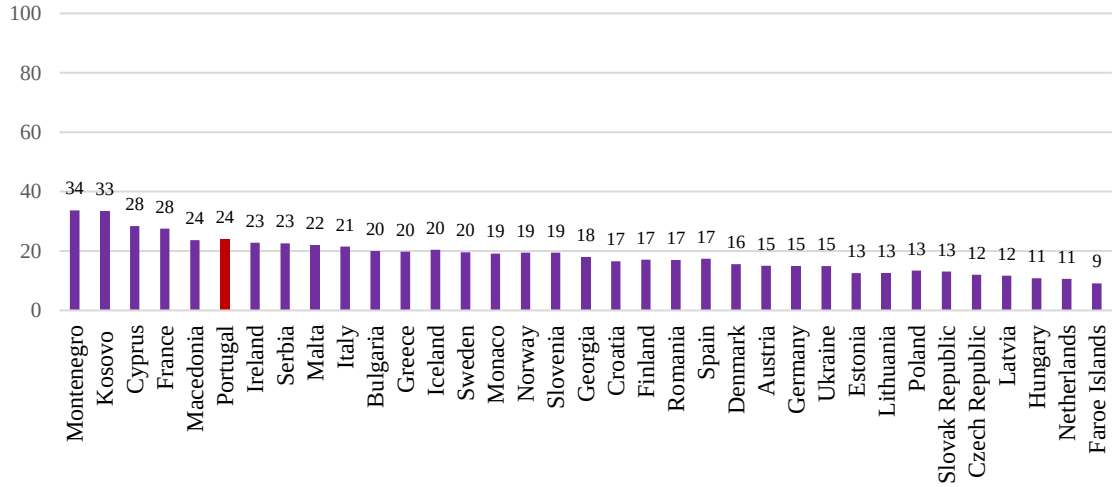
ESPAD/2019

CANNABIS: prevalência de consumo ao **longo da vida** (%)



ESPAD/2019

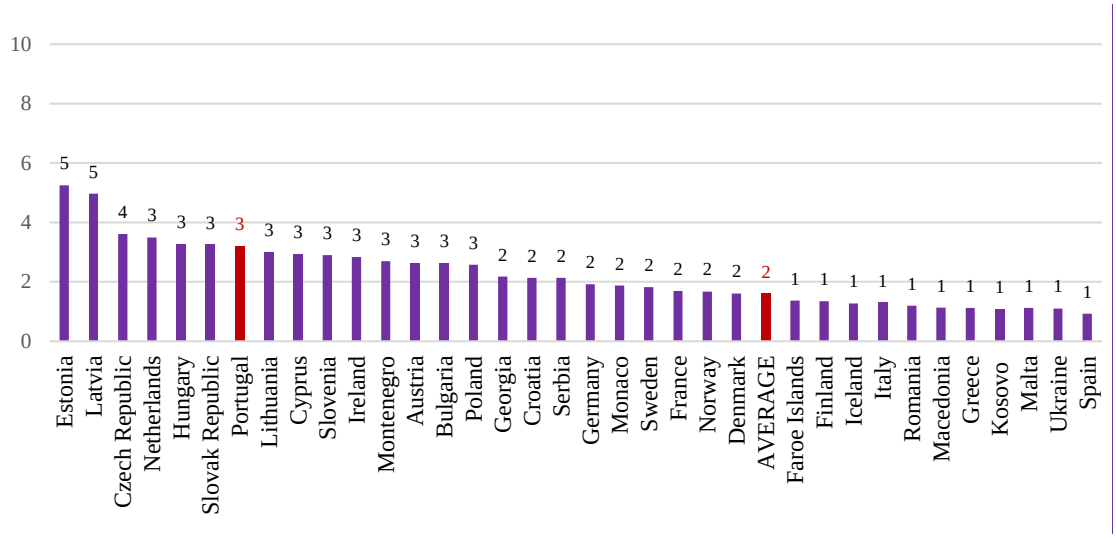
CANNABIS: Consumidores recentes com padrões de consumo de alto risco (%)



Quanto às **outras drogas ilícitas**, a situação nacional está em linha com a média europeia no que diz respeito à experimentação de anfetaminas e metanfetaminas, ligeiramente abaixo no que concerne à experimentação de LSD e GHB e ligeiramente acima na experimentação de heroína e cocaína. Relativamente ao *ecstasy* e às NSP a diferença para a média europeia é mais acentuada, ainda que em sentido contrário: Portugal regista a 7ª prevalência de consumo de *ecstasy* mais elevada, enquanto a experimentação de NSP é a mais baixa entre todos os países (juntamente com a Finlândia) e o consumo recente o terceiro menos prevalente.

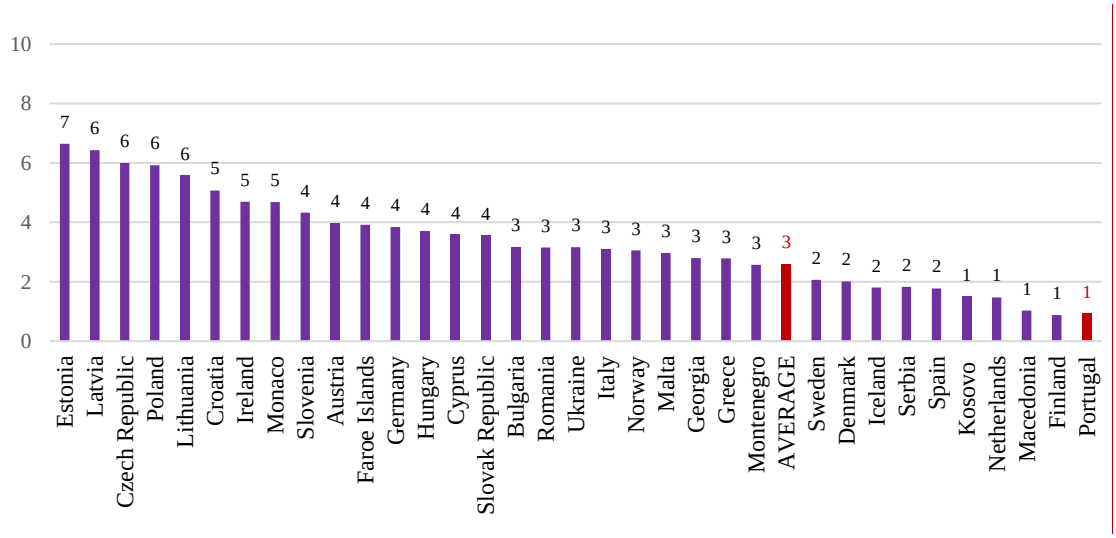
ESPAD/2019

***Ecstasy*: prevalência de consumo ao longo da vida (%)**



ESPAD/2019

NSP: prevalência de consumo ao longo da vida (%)



Um dos indicadores considerados no estudo é o **início dos consumos** aos **13 anos** ou menos, sendo que Portugal está muito próximo da média europeia, ainda que ligeiramente abaixo, no que diz respeito ao início precoce do consumo de *cannabis* e de tabaco tradicional (tanto na experimentação como no consumo diário). Por outro lado, no caso dos cigarros eletrónicos, o início precoce dos consumos é muito menos prevalente em Portugal. Em relação ao álcool, a percentagem de jovens portugueses de 16 anos que iniciaram o consumo de álcool aos 13 anos ou menos é consideravelmente superior à média europeia, embora a percentagem que se embriagou tão precocemente seja inferior à média europeia.

Outro dos indicadores é a perceção da **acessibilidade**, sendo que em Portugal a percentagem de jovens que considera ser fácil ou muito fácil adquirir tabaco, *cannabis*, *ecstasy* ou cocaína é das mais baixas entre os países participantes, enquanto a perceção da facilidade de aquisição de bebidas alcoólicas e cocaína está em linha com a média europeia, mas ainda assim ligeiramente abaixo.

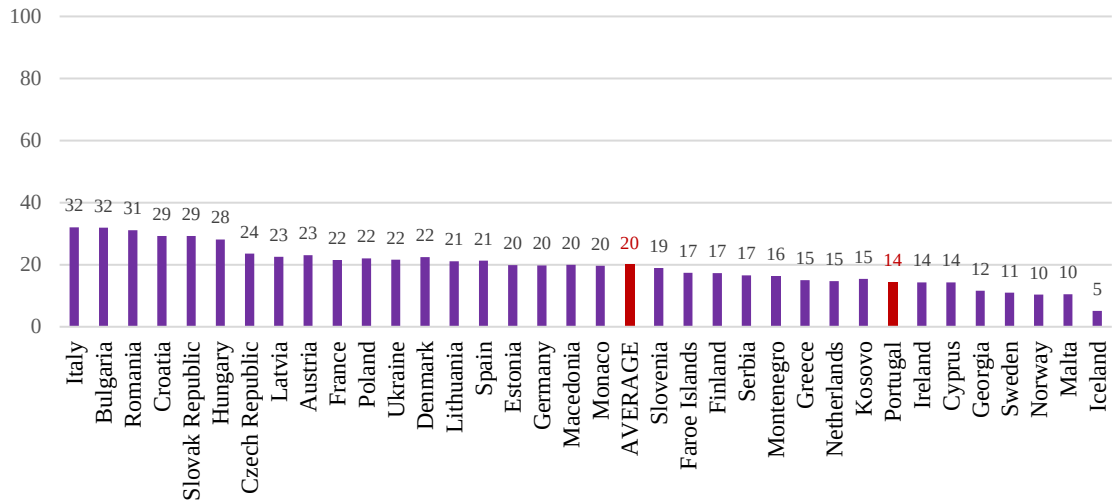
Em relação ao **jogo a dinheiro**, Portugal regista uma prevalência no último ano igual à média europeia (22%), embora no que respeita ao jogo *online* a dinheiro essa seja uma prática menos prevalente por cá (6%) do que na média dos países participantes (8%). Os jovens portugueses que jogaram a dinheiro no último ano fizeram-no sobretudo em lotarias e em apostas desportivas, numa proporção superior à média europeia. Quanto ao indicador de problemas relacionados com o jogo a dinheiro, Portugal está abaixo da média no que diz respeito ao jogo excessivo e também ao jogo problemático.

Quanto à **Internet**, a percentagem de jovens portugueses que declaram ter experienciado problemas decorrentes da utilização da Internet em redes sociais e em jogo *online* (52% e 24%, respetivamente) é um pouco superior à média europeia (46% e 21%, respetivamente). Portugal é também dos países onde mais jovens de 16 anos passam mais tempo diário em redes sociais ao fim-de-semana.

Finalmente, em relação ao **tabaco**, Portugal apresenta prevalências de consumo bastante inferiores à média europeia, particularmente no caso dos cigarros eletrónicos. Portugal é o 7º país com menor uso diário de tabaco em geral e o 2º país com menos consumidores atuais de cigarros eletrónicos, revelando que os jovens portugueses são dos que menos aderem a este tipo de produtos.

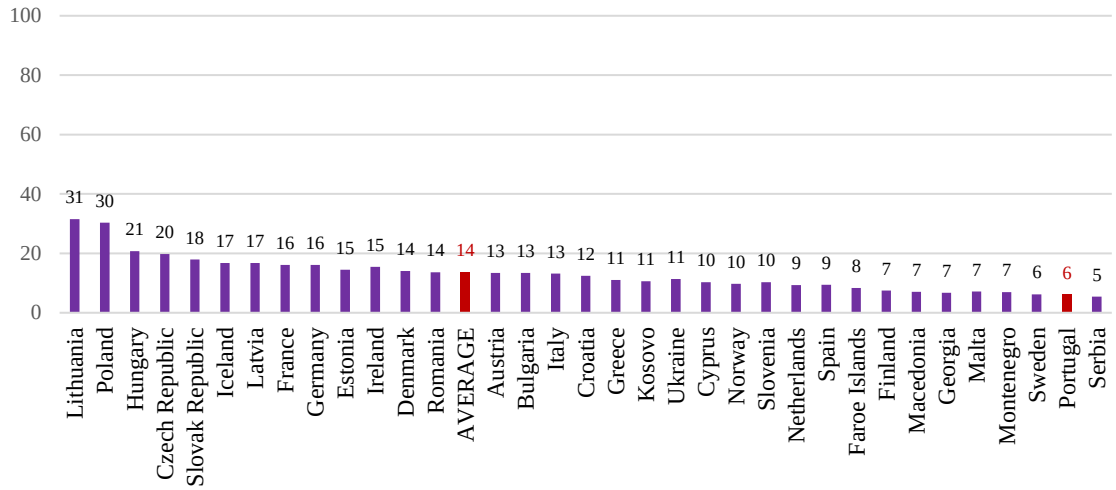
ESPAD/2019

TABACO TRADICIONAL: prevalência de consumo nos **últimos 30 dias** (%)



ESPAD/2019

TABACO ELETRÓNICO: prevalência de consumo nos **últimos 30 dias** (%)



Em suma, face à média dos 35 países participantes, Portugal destaca-se mais vezes pela positiva do que pela negativa, sendo que, em geral, o país regista uma situação no que respeita aos comportamentos aditivos aos 16 anos menos gravosa do que na maior parte dos outros países europeus que participaram no estudo. Ainda assim, há indicadores que merecem alguma preocupação, como a quantidade de álcool ingerida na última ocasião de consumo e a preferência por bebidas de maior teor alcoólico, ou o início precoce da ingestão de bebidas alcoólicas. Também no que se refere à *cannabis* parece haver alguns sinais preocupantes, pois, embora a prevalência de consumo seja por cá inferior à média europeia, os consumidores tendem a consumir num maior número de ocasiões e a apresentar mais padrões de consumo considerados de alto risco do que na média dos países participantes.

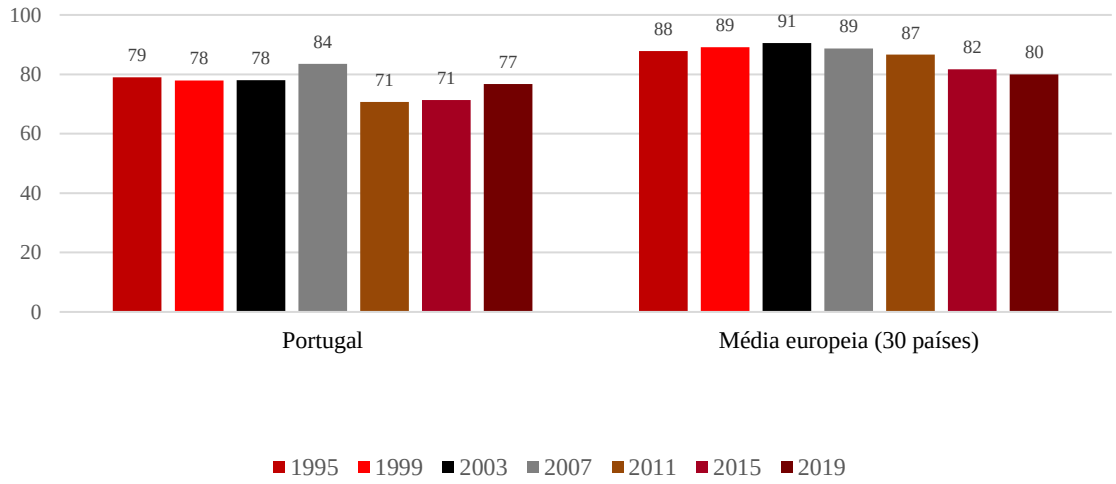
EVOLUÇÃO DAS TENDÊNCIAS (2015-2019)

Analisando as tendências de evolução no que aos comportamentos aditivos aos 16 anos diz respeito, nem sempre Portugal está em linha com a média dos 30 países que participaram no estudo em 2015 e 2019, embora nuns casos isso se traduza numa situação mais gravosa e noutros uma situação menos gravosa.

Portugal destaca-se como um dos países onde, entre 2015 e 2019, se verificou uma evolução menos positiva no que diz respeito ao consumo de **álcool**. De facto, enquanto na média europeia se verificou um pequeno decréscimo na percentagem de jovens de 16 anos que ingeriram pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida (-2 pontos percentuais), a nível nacional verificou-se um aumento considerável (+6 pontos percentuais). No entanto, no indicador do consumo referente aos últimos 30 dias não há praticamente diferença em relação à média europeia, tendo aumentado muito ligeiramente em Portugal (+1 ponto percentual), face à tendência de estabilização na média dos países participantes. Por outro lado, a prevalência de consumo *binge* em Portugal aumentou (+4 pontos percentuais), enquanto desceu muito ligeiramente na média europeia (-1 ponto percentual).

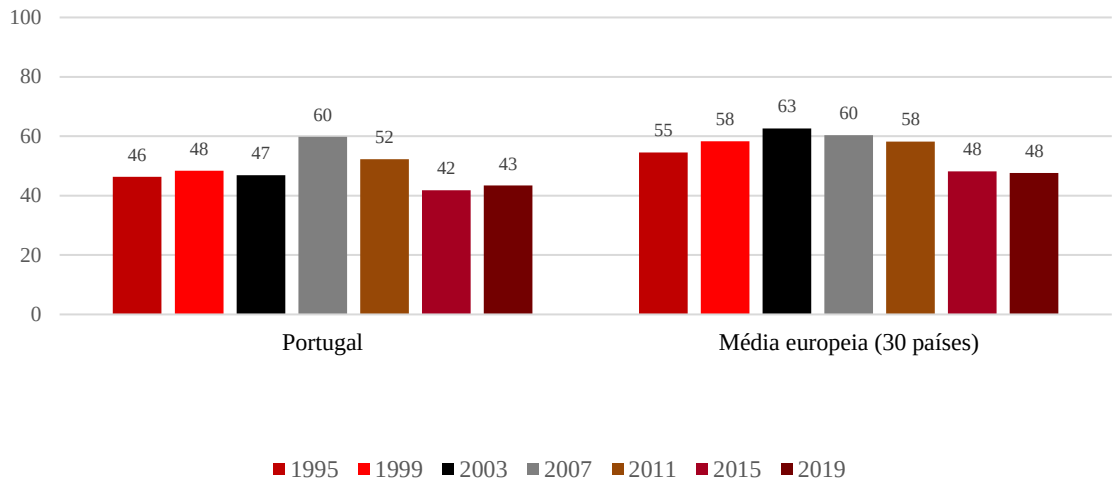
ESPAD/1995-2019

ÁLCOOL: prevalência de consumo ao **longo da vida** (%)



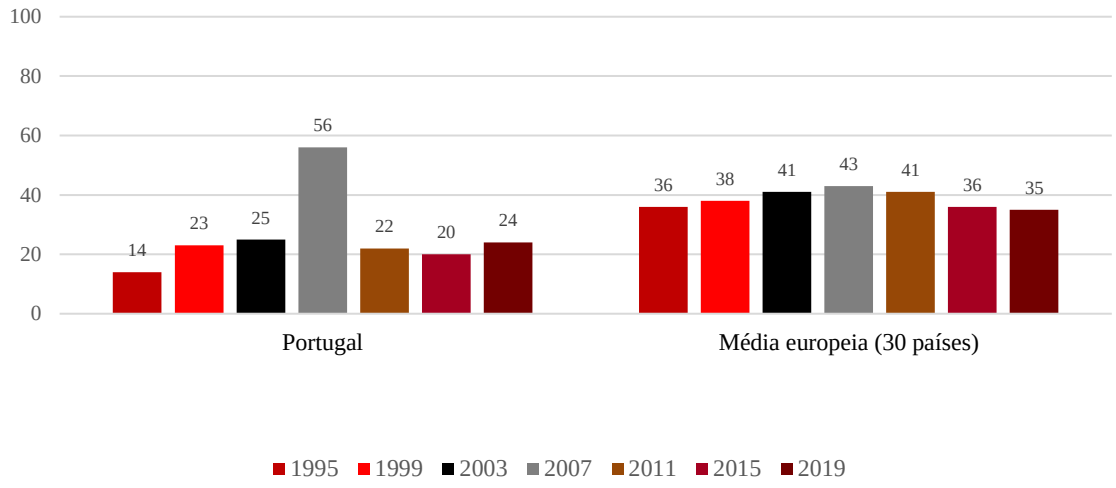
ESPAD/1995-2019

ÁLCOOL: prevalência de consumo nos **últimos 30 dias** (%)



ESPAD/1995-2019

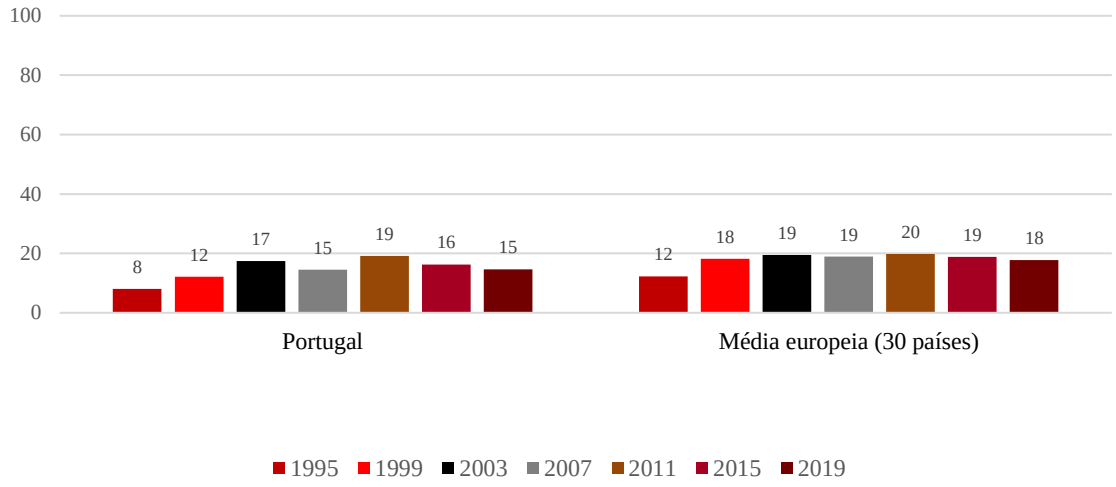
ÁLCOOL: prevalência de consumo *binge* nos **últimos 30 dias** (%)



Em relação à experimentação de **drogas ilícitas**, em geral, e de ***cannabis***, em particular, Portugal acompanha a tendência de ligeiro decréscimo que se verificou na média dos países participantes, entre 2015 e 2019. No entanto, no que diz respeito ao consumo atual de *cannabis*, verificou-se no nosso país um decréscimo (-2 pontos percentuais), face à tendência de estabilização na média europeia. No que diz respeito às **outras drogas** que não *cannabis*, pelo contrário, verificou-se em Portugal um aumento (+2 pontos percentuais), enquanto, mais uma vez, na média europeia se regista uma tendência de estabilização. Finalmente, relativamente aos indicadores da acessibilidade e do início precoce de *cannabis*, a situação portuguesa face à média europeia é diferente, pois se neste último indicador se verifica uma tendência de estabilização tanto por cá como na Europa, no que diz respeito à perceção de facilidade de acesso à *cannabis* a situação desagravou-se em Portugal (-6 pontos percentuais) e aumentou ligeiramente na média dos países participantes (+1 ponto percentual).

ESPAD/1995-2019

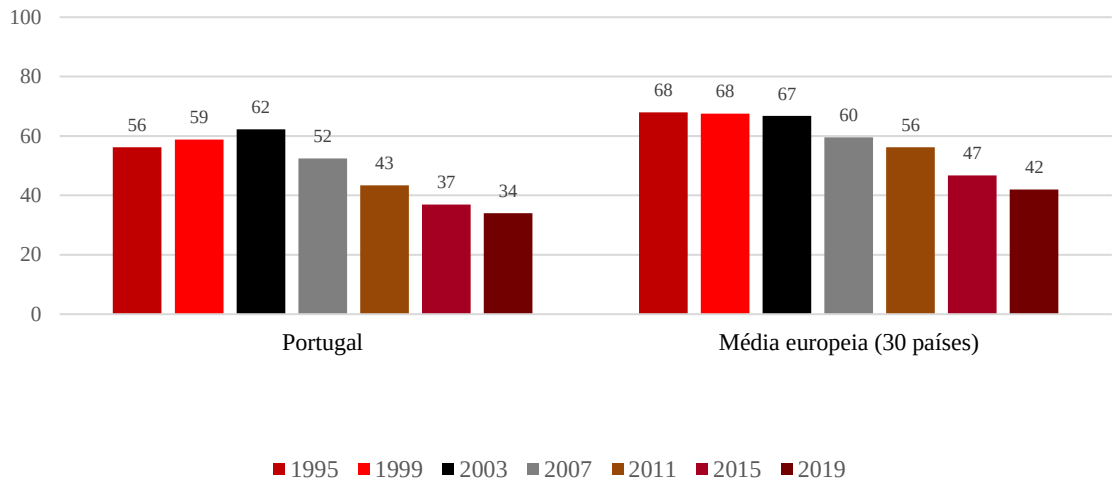
DROGAS ILÍCITAS: prevalência de consumo ao **longo da vida** (%)



Em relação ao consumo de **tabaco tradicional**, entre 2015 e 2019, verificou-se em Portugal um decréscimo (-3 pontos percentuais) menos acentuado do que na média dos países participantes (-5 pontos percentuais). No entanto, a percentagem de jovens que iniciou o consumo com 13 anos ou menos aumentou ligeiramente na Europa (+1 ponto percentual), enquanto se manteve estável por cá. No caso do uso diário de tabaco, verificou-se um desagravamento maior em Portugal do que na média dos países participantes (-3 pontos percentuais e -1 ponto percentual, respetivamente). No caso do **tabaco eletrónico**, entre 2015 e 2019, o decréscimo foi maior em Portugal (-5 pontos percentuais) do que na média europeia (-2 pontos percentuais).

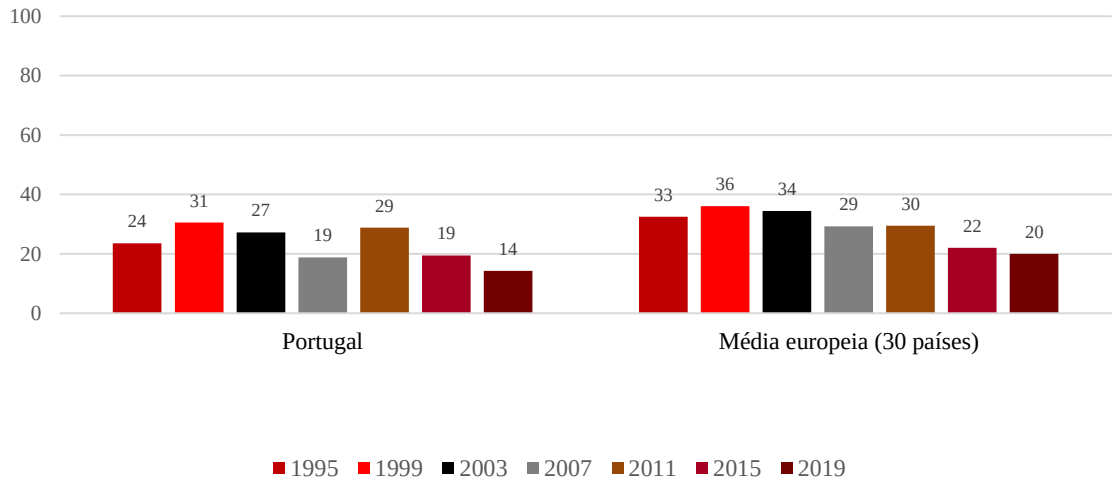
ESPAD/1995-2019

TABACO TRADICIONAL: prevalência de consumo ao **longo da vida** (%)



ESPAD/1995-2019

TABACO TRADICIONAL: prevalência de consumo nos **últimos 30 dias** (%)



CONCLUSÃO

Entre 2015 e 2019, tanto em Portugal como na Europa, não se verificaram acentuadas variações relativamente aos principais indicadores considerados. Por outro lado, mesmo quando Portugal diverge da tendência europeia, a diferença é pequena, com exceção do consumo de álcool, onde se verifica um agravamento geral, face à tendência de estabilização ou decréscimo registada na média dos 35 países participantes.

Numa perspetiva mais geral, a nível europeu, o consumo de álcool regista uma tendência de descida desde 2003, enquanto em Portugal essa mesma tendência foi interrompida em 2019. A nível europeu o consumo de drogas ilícitas apresenta-se estável desde 1999, enquanto em Portugal tem oscilado mais mas, desde 2011, com tendência para descer. Finalmente, tanto a nível europeu como nacional, verifica-se um claro decréscimo no consumo de tabaco de combustão desde 1999.